



Catarina Dantes de Oliveira,
aluna do Pré II A do Colégio Vital Brazil.

VIBRA

A REVISTA DO VITAL BRAZIL
ano 7 / nº 19 / 2º semestre de 2023

Viver o Inglês integralmente

Camila Petrolina e **Maíra Malosso**, coordenadoras da Educação Infantil e do Inglês, falam sobre o novo Integral Bilingue do Vital.

A opção de período integral vai trazer mudanças importantes a partir do ano que vem, não é?

Camila: Sim, a primeira mudança é que as atividades de contraturno do Integral serão só à tarde. As aulas regulares serão de manhã para todos, e, do meio-dia em diante, começarão as vivências do Integral. Quem optar pelo Integral de meio período ficará na escola até as 15h30; quem optar pelo período inteiro ficará até as 17h50. Já a segunda e principal mudança é que, exceto pelo acompanhamento pedagógico, que é o momento em que o aluno faz suas lições de casa e estudos, o Integral será em Inglês.

Como será isso?

Maíra: A ideia é que, quando as professoras regentes e estagiárias receberem as turmas do Integral, todos “virem a chavinha” do idioma, e elas só se comuniquem em Inglês com os alunos, já durante o almoço, enquanto eles se servem e comem. Nosso objetivo é oferecer aos alunos um espaço de exploração, experimentação e vivências para a construção do conhecimento e a formação integral, em Inglês.

Camila: Ao longo da semana, eles terão cinco aulas com especialistas, sendo duas de natação, uma de atividade física diversificada, uma de projetos STEAM (sigla em inglês para Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática) e uma de Música. As demais vivências serão conduzidas pelas regentes e estagiárias.

E tudo isso em Inglês? Como será a grade de aulas desse Integral?

Maíra: Organizamos um programa que entende o ensino Integral como algo muito além do que simplesmente manter o aluno na escola por mais horas. Queremos trabalhar o Inglês aplicado nos mais diferentes contextos, tomando como eixo norteador o conceito de explorar. Assim, teremos quatro projetos: o *Exploring Arts & Languages*, com vivências de pintura, artesanato, contação de história, dramatizações, etc.; o *Exploring Technology*, com vivências iniciais do conceito de STEAM e da programação de jogos, mesmo para os pequenos; o *Exploring Our Environment*, com vivências relativas ao meio ambiente, especialmente no bosque e na nossa horta; e o *Exploring Our Bodies & Minds*,

Conheça melhor
o Integral Bilingue do Vital



que vai abranger desde aulas de alongamento e *mindfulness*, a aulas de culinária com foco em alimentação saudável, a até mesmo momentos de descanso e soneca, para os menores. Nessa hora, até as canções de ninar serão em Inglês!

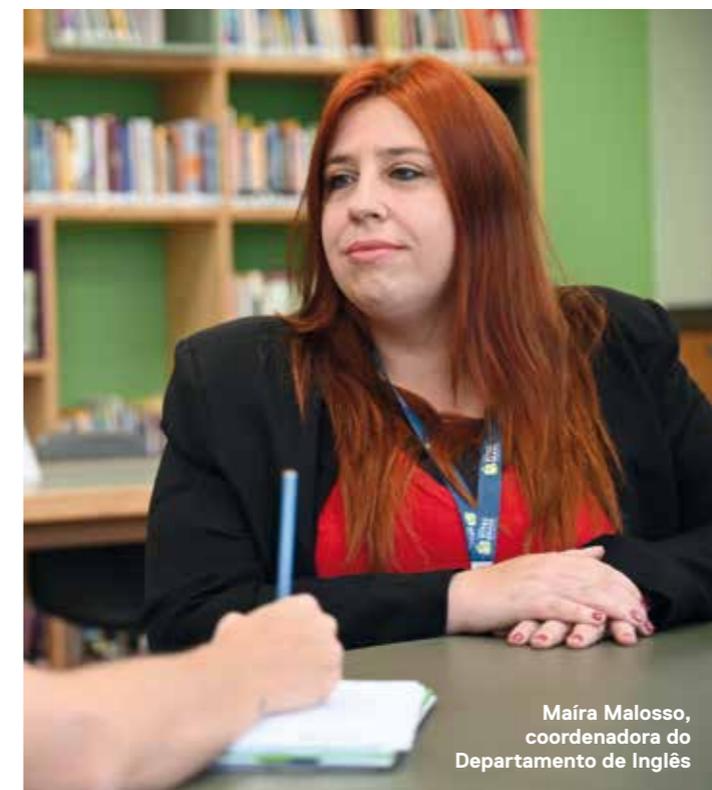
Esse Integral Bilingue deve atender ao interesse de que perfil de família?

Camila: Acreditamos que de todas. O Inglês se tornou necessário na vida de todo mundo, hoje em dia. Ter essa possibilidade de, além das aulas regulares de Inglês pela manhã, que já são excelentes, ter essas vivências concretas, do uso do Inglês em diferentes contextos do dia a dia, é muito rico. Ainda mais na idade de maior plasticidade cerebral, aproveitando essa janela do desenvolvimento das crianças.

Maíra: E é muito importante entender que não se trata de alfabetizar os alunos em Inglês. A alfabetização continua sendo na língua materna. As vivências em Inglês serão sentidas pelos alunos como momentos prazerosos, em que eles vão praticar a escuta do idioma sem nem perceber. Essa ligação afetiva com o idioma é superimportante.



Camila Petrolina, coordenadora pedagógica da Educação Infantil do Vital



Maíra Malosso, coordenadora do Departamento de Inglês

4

DICAS

Como manter uma boa rotina de sono à noite?

5

EDUCAÇÃO INFANTIL

Projeto promove as bases da escrita desde cedo

8

FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS

Alunos tomam a frente de projetos cidadãos

10

FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS

Oficinas exploram diferentes linguagens e competências

12

ENSINO MÉDIO

As experiências de ex-alunos no exterior

15

TRILHAS

A Educação Física e os benefícios do esporte

18

INGLÊS

Como as famílias podem ajudar os filhos a aprender Inglês

20

ARGUMENTO

Nos 35 anos da Constituição, aluna questiona sua solidez



Como manter uma boa rotina de sono à noite?



Por **Rosane Lowenthal**, vice-diretora de Medicina da Santa Casa e especialista em higiene do sono.

- 1 SEU CORPO PEDE SONO.** Precisamos de sono como de água ou comida, para processos essenciais do organismo. O sono organiza a memória, retendo o que é preciso e descartando o resto; ajuda a eliminar toxinas que aceleram o envelhecimento; além de ativar hormônios, como o do crescimento.
- 2 O PREÇO DO DIA SEGUINTE.** Noites maldormidas podem resultar em problemas de comportamento, como irritabilidade, dificuldade de concentração, agressividade e reflexos diminuídos, além de prejudicar os processos citados acima, que o sono desencadeia.
- 3 RESPEITE O CICLO.** Somos regidos pelo ciclo circadiano (do latim *circa diem*, ou “cerca de um dia”, 24h), que é regido pela luz. A claridade da manhã ativa a liberação do cortisol, o hormônio que nos deixa despertos; já o anoitecer estimula a produção de melatonina, que nos relaxa e induz ao sono.
- 4 APAGUE A LUZ.** Para se adequar ao ciclo, o quarto de dormir deve ser escuro, sem luzes fortes, o que inclui até a luzinha vermelha da TV, a do relógio digital e a do celular – este, então, melhor nem ficar no quarto. Já para a soneca das crianças, de dia, vale o contrário: deixe o Sol entrar.
- 5 CUMpra SUAS HORAS DE SONO.** O tempo ideal varia com a idade. Um bebê passa mais tempo dormindo que desperto, e, conforme cresce, as horas de sono vão se concentrando. As sonecas vão diminuindo até cessar. A partir dos 6 anos, a média se estabiliza entre 7 e 9 horas/dia.
- 6 MANTENHA A ROTINA.** Tão importante quanto a duração do sono é dormir e acordar mais ou menos no mesmo horário. Crianças e adolescentes devem dormir cedo, até, no máximo, as 21h. É mais difícil para quem estuda à tarde e para adolescentes, sobretudo no fim de semana, mas vale a pena.
- 7 TELAS E SONO NÃO SE MISTURAM.** Se o tempo de TV, celular ou computador, hoje, já preocupa, o cuidado é redobrado na hora de dormir. Por volta de 1,5 hora antes de ir para a cama, a regra é desligar-se das telas e fazer atividades calmas, como a leitura – de preferência, em livros de papel.

Onde nasce a escrita

No Vital Brazil, as bases da escrita - motoras, cognitivas e emocionais - são estimuladas bem antes dos primeiros traços da criança.



Antes de riscar suas primeiras letras, antes mesmo de encostar o lápis no papel pela primeira vez, uma criança já está começando a aprender a escrever. Quando ela entende a diferença entre um lado e outro e consegue orientar um movimento da esquerda para a direita; quando aprende a controlar seus impulsos e atenção, usando apenas as partes do corpo necessárias para uma ação específica; quando desenvolve o pensamento abstrato para perceber que registros gráficos também são uma forma de comunicação, e sente vontade de deixar suas próprias marcas para que outros as vejam, essa criança já está no caminho que a conduzirá para o código alfabético. Leva tempo, mas o aprendizado será tão mais bem-sucedido quanto mais aten-

tos estiverem os pais e educadores dessa criança às etapas iniciais desse processo.

No Colégio Vital Brazil, um projeto chamado “Onde Nasce a Escrita”, elaborado pela equipe da Educação Infantil em parceria com os professores de Educação Psicomotora e de Arte, aplica esse olhar global sobre como o gesto e o movimento vão se transformando e se refinando desde o Maternal, com resultados que se fazem notar, concretamente, mais à frente.

“A escrita é uma construção, como uma casa. Cada vivência coloca um tijolinho a mais. E é função da escola proporcionar essas vivências que servem de base para essa construção, quando os alunos ainda nem pensam em escrever”, diz o professor de Educação Psicomotora do Vital, Carlos Rossi.





Em uma de suas aulas, por exemplo, Carlos pede aos alunos que passem livremente pelo pátio da Educação Infantil, até que, em dado momento, ele restringe o espaço a apenas metade do pátio e, pouco depois, à metade da metade. Se para um leigo a relação com a escrita passaria despercebida, para o professor, aquele é um exercício de adaptação espacial que vai ensinar a criança, no futuro, a redigir entre as pautas de um caderno. Já uma brincadeira de cabo de guerra, diz ele, pode ter efeitos no simples ato de aplicar força em um lápis para riscar o papel, mas sem rasgá-lo. “Eu só tenho esse tipo de controle se experimento os extremos da contração muscular e do relaxamento”, diz o professor.

Se exemplos como esses e outros de brincadeiras que promovem a motricidade global repercutem, mais adiante, na aquisição da escrita pelos alunos, a influência é ainda mais evidente em propostas que demandam maior controle das mãos, como exercícios de perfurar, cortar ou alinhar. Ou outros que envolvem diretamente o uso de papel e riscadores de diferentes materiais, como carvão, giz de cera ou canetas coloridas, para a criança explorar a força dos seus traços ou o movimento de pinça com os dedos, para segurar um lápis na posição correta. “Temos equilibrado mais aulas no pátio com aulas em sala, porque sentimos a necessidade de reforçar as habilidades grafomotoras das crianças”, diz o professor, citando brincadeiras como a de riscar o papel mais rápida ou lentamente, seguindo o ritmo de uma música. Ou, ainda, outro exercício clássico para essa faixa etária, que é o de desenhar ligando pontos para formar figuras ou padrões no papel, como este:



“Esse tipo de exercício envolve planejamento, percepção espacial e até controle inibitório, para saber quando parar de riscar e mudar a direção do lápis”, diz a coordenadora pedagógica Camila Petrolina, notando que esses movimentos e habilidades constituem uma base essencial para fundamentar outras de grande importância mais à frente - como a caligrafia em letra cursiva, por exemplo. “Se essa base não estiver bem consolidada na Educação Infantil, isso pode se refletir em algumas dificuldades mais adiante”.

A vontade de deixar uma marca

Tão importantes quanto esses exercícios direcionados, porém, são momentos em que as professoras da Educação Infantil dão aos alunos papel, riscadores e liberdade total para rabiscar ou desenhar o que quiserem - o que, para alguns, pode representar o maior dos desafios. “Tem criança que até já sabe ler, mas não escreve nem desenha nada, e chora porque tem medo de errar, não se sente capaz nem de arriscar”, diz Ângela Freitas, professora do Pré II. Segundo ela, o fato serve para lembrar que escrever também envolve um componente emocional fundamental - a vontade da criança, onde nasce o gesto da escrita -, que precisa ser trabalhado tanto quanto os aspectos motor e cognitivo.

“A escrita tem uma função, que é comunicar algo. Mas, para isso, a criança precisa primeiro querer comunicar, deixar sua marca”, concorda Camila Petrolina, pontuando que uma das principais contribuições que a escola - e a família - dá, nesse sentido, é fomentar a autonomia e a autoconfiança da criança, criando contextos relacionados a seus próprios interesses, que a estimulem a se expressar. Foi o que fez Ângela Freitas, quando mostrou à sua turma do Pré II fotos dos filhotes de pássaro que haviam nascido num ninho construído na janela da sala de aula. “Numa dessas aulas de registros espontâneos, uma aluna que quase não escrevia nada me pediu:

‘Prô, vamos escrever PASSARINHO!’ Aquilo foi algo que teve significado para ela”, diz a professora.

E o mesmo princípio se aplica a alunos mais novos e seus desenhos: é do surgimento da intenção de comunicar algo importante para a criança, desde seus primeiros rabiscos, que a escrita começa a ser construída. Razão pela qual, além da parceria com o professor de Educação Psicomotora, outro importante apoio ao projeto vem da professora de Arte Juliana Carnasciali, que tem ajudado a tornar visível o percurso percorrido pelos alunos na aquisição da escrita.

Juliana explica que, no geral, é possível identificar nos traços de uma criança a evolução de um movimento mais solto, fruto do “puro impulso de deixar marcas no papel”, em direção às primeiras formas reconhecíveis, geralmente circulares, que remetem a rostos ou ao corpo humano; depois, a uma variedade maior de registros figurativos (Sol, nuvens, casa, árvores); até, eventualmente, letras e números com os quais a criança tem mais contato (em seu nome, em calendários, etc.).

A professora enfatiza, porém, que uma habilidade (escrever) não substitui a outra (desenhar). Pelo contrário: segundo Juliana, desenvolver a

capacidade expressiva dos desenhos tem reflexos na capacidade expressiva da escrita, e na própria caligrafia. “Um desenho envolve habilidades grafomotoras tão complexas quanto a letra cursiva”, diz ela. “Ainda mais quando alimentamos o repertório da criança, para ela ir enriquecendo seus registros. Por exemplo, da primeira vez que peço a um aluno que desenhe uma árvore, ele tende ao lugar comum, limitado a um tronco reto e a uma copa circular. Então eu provoco: vamos desenhar com tudo que a árvore pode ter? E aí vão surgindo árvores com frutos, raízes, folhas, galhos mais ou menos tortos...”

Daí por que, diz a professora de Arte, é tão importante para a escola fomentar novas referências para os alunos, e não apenas nas atividades ditas artísticas. E, embora algumas famílias possam achar que a escola nessa fase são apenas brincadeiras sem maiores consequências, é brincando de desenhar e de explorar materialidades e espaços diferentes que a criança ganha gabarito para desenvolver suas habilidades motoras, emocionais e criativas - inclusive a da escrita. “A escola dá o espaço, o tempo e os recursos necessários para brotar na criança o estalo”, diz Juliana.



Eles fazem a diferença

Projetos do 4º e 5º anos estimulam o protagonismo dos alunos na aplicação de conhecimentos em prol da comunidade.

Naquela manhã de início de junho, ainda era possível que ninguém percebesse, na jabuticabeira que fica no centro do pátio principal do Colégio Vital Brazil, que alguém havia amarrado um pequeno laço de fita em um de seus galhos. Pelas semanas seguintes, a árvore e o banco que a circunda serviriam de ponto focal para um projeto no qual alunos do 5º ano usariam o intervalo das turmas dos Anos Iniciais para convidar outras crianças a participarem com eles de brincadeiras coletivas, como mãe da rua, pique-bandeira ou pega-pega. E, a cada nova amizade surgida dessa interação organizada pelos próprios alunos, um lacinho colorido seria amarrado à jabuticabeira. Aquele era apenas o primeiro de muitos que ainda estavam por vir.

A poucos metros dali, na mesma manhã, um grupo do 4º ano visitava salas da Educação Infantil para

explicar aos pequenos a importância do descarte correto do lixo nos coletores de recicláveis e não recicláveis. Estavam acompanhados da Doutora Meleca, personagem vivida por uma estagiária do Vital vestindo um jaleco “decorado” com caixinhas de suco, papéis de bala e outros tipos de lixo, mas a maior parte da apresentação era feita pelos alunos do 4º ano, que também aproveitariam o horário do intervalo para conscientizar mais crianças sobre o tema.

Em comum, os dois projetos – batizados, respectivamente, de Laços de Amizade e Intervalo Sustentável – demonstravam, como se vê, um forte aspecto de protagonismo dos alunos participantes, escolhidos por serem representantes de turma ou, simplesmente, voluntários. “A gente fala muito na importância de desenvolver a autonomia dos alunos, e esses dois pro-

jetos já deram muito certo no ano passado, com esse olhar”, diz a coordenadora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Vanessa Inagaki. No entanto, longe de se limitar aos meninos e meninas à frente das duas iniciativas – que seguem acontecendo neste segundo semestre –, a coordenadora acredita que os efeitos são sentidos em várias outras crianças do Colégio.

Aprendizado que se multiplica

Segundo a coordenadora assistente Paula Arruda, os projetos são um estímulo para os alunos partirem da teoria para a ação, integrando conhecimentos trabalhados em aulas de diferentes disciplinas. “No caso do 5º ano, é uma oportunidade para eles aplicarem na prática vários temas debatidos nas aulas de convivência ética”, diz ela. “Ao proporem brincadeiras com estudantes recém-chegados à escola ou com crianças mais novas, eles precisam atuar como líderes de grupo, mediar diálogos e, muitas vezes, gerenciar conflitos de vontades”.

Já os alunos do 4º ano, por sua vez, ficam encarregados de dividir não apenas lições das aulas de Ciência sobre o impacto do lixo no meio ambiente, ou sobre a necessidade da redução do consumo de copos plásticos, mas também de compartilhar experiências transformadoras vividas pelo grupo – como a visita feita pelos representantes de classe à cooperativa de reciclagem Yougreen, que recebe os resíduos recicláveis do Vital Brazil.

Naquela manhã de 5 de junho, por exemplo – não por acaso, Dia Mundial do Meio Ambiente –, ao relatar para as turmas da Educação Infantil o que tinha visto na Yougreen, a aluna Mariana Brasil foi além do que estava no PowerPoint que haviam preparado, para contar uma curiosidade que até mesmo muitos adultos desconhecem. “Eles não separam o lixo só pelo tipo, mas por cor também! Senão, quando fossem reciclar [em novos produtos], ia ficar tudo marrom”, contou a menina.

Para a também coordenadora assistente Vera Ardito, os projetos estimulam nos alunos o gosto por fazer a diferença no mundo, participando ativamente de uma ação em prol de um bem comum: “São momentos em que eles são levados a pensar no seu papel como cidadãos, o que tem a ver com a formação integral que queremos promover aqui no Vital”, diz ela.

E o sentimento não atinge somente os alunos diretamente envolvidos, como Mariana. Segundo Paula Arruda, embora o impacto da experiência seja maior para estes – que, além de transmitir conhecimento, ainda exercitam habilidades importantes, como o planejamento de ações coletivas, a elaboração de apresentações em slides, o relacionamento interpessoal ou a oralidade

–, muitos outros se veem inspirados a seguir o mesmo exemplo. “Outro dia, um aluno do 3º ano me disse que estava animado porque, no ano que vem, ele também poderá ser representante de turma e participar desses projetos”, conta a coordenadora assistente.

Mas nem é preciso ser representante para participar, garantem os alunos Francisco Zanotto e Amanda Velloni, do 5º ano, voluntários do projeto Laços de Amizade. “Os alunos colocam o nome em uma espécie de calendário, pegam um crachá e descem com ele. No intervalo, esperam as crianças, todo mundo come [seu lanche], e aí a gente se encontra no banco e propõe uma brincadeira. E a cada dia alguém pode se voluntariar”, explica Francisco. “Eu escolhi porque acho legal fazer parte da interação com as crianças”.

Já Amanda diz ter se voluntariado para conhecer novos amigos além da sua companheira mais frequente de intervalo. “Normalmente eu só fico conversando com a Lívia, mas é bem legal sair brincando no recreio”, diz a menina, que pretende fazer sua parte para cobrir a jabuticabeira do Vital com mais lacinhos de novas amizades. “A gente quer deixar a árvore toda colorida!”

“E, assim, esse cuidado com o meio ambiente e essa preocupação em respeitar os outros vão se tornando orgânicos na cultura do Vital. É um aprendizado que se multiplica”, diz a coordenadora Vanessa Inagaki.



Acompanhados da Dra. Meleca, alunos do 4º ano dividem lições sobre descarte correto do lixo e consciência ambiental.



Na jabuticabeira do pátio do Vital, alunos mostram seus crachás de voluntários do projeto Laços de Amizade: promovendo encontros, brincadeiras e novas amizades.



Novos aprendizados

Oficinas extracurriculares permitem aos alunos explorar outras linguagens e competências, de acordo com seus interesses.

A atmosfera no ateliê era de descontração tranquila, enquanto alunos do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental do Vital Brazil produziam autorretratos de inspiração cubista, por meio de colagens, desenhos e pinturas. Munidos de pedaços de papelão, tesouras, colas, tintas, barbantes e outros materiais, eles haviam ouvido a explicação da professora Ana Flávia Della Torre sobre o Cubismo, que pintava a realidade “sem precisar parecer com as formas como a gente as vê”. Agora tinham de descobrir, em si mesmos, traços distintivos de sua aparência – uma cor de cabelo, um tipo de óculos, uma boina – que seriam identificáveis mesmo em uma representação graficamente “imperfeita”.

“O que você acha que eu posso desenhar em mim?”, perguntou uma aluna a Ana Flávia, que apenas lhe devolveu a pergunta. “Não sei; o que você acha marcante em você?” A resposta veio rapidamente – “Nada!” – acompanhada de uma risada que indicava não haver aflição no juízo aparentemente autodepreciativo da menina. Pelo resto da aula, ela seguiria falante e alegre, ainda que, aqui e ali, parecesse buscar a validação da professora ou dos colegas. “Gente, olha o tamanho do meu olho! Eu tenho uma pinta aqui no pescoço?”

Até concluir seu trabalho, a aluna talvez se desse conta do que Ana Flávia, no fundo, queria que todos percebessem: que naquela aula não havia certo ou errado. Tratava-se de uma oficina artística de caráter voluntário, na qual, mais que a suposta qualidade objetiva das obras, era o processo que importava, por promover aprendizados valiosos. E não só em termos de habilidades técnicas ou de repertório estético, mas também de autorreflexão e desenvolvimento emocional.

O exemplo ilustra uma das principais motivações desta e de outras oficinas eletivas que o Vital passou a promover em 2023 para as turmas dos anos finais do Fundamental, no contraturno. Abrangendo temas variados – de artes plásticas a cinema, de jogos de tabuleiro a algoritmos –, as oficinas vão além do cur-

riculo do ciclo para permitir aos alunos explorarem outras linguagens e competências, de acordo com seus interesses. O que, mesmo fugindo do conteúdo das disciplinas regulares, acaba se refletindo positivamente, também, no desempenho acadêmico de cada um.

Cinema, algoritmos e partidas de War

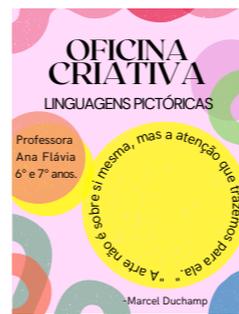
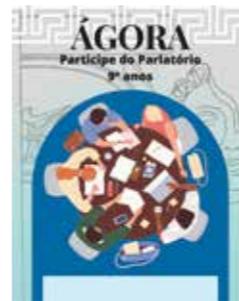
“Em dezembro de 2022, pedimos a professores que sugerissem cursos para oferecermos neste ano e elencamos dois pontos como alicerces para qualquer que fosse o tema escolhido: o desenvolvimento da linguagem oral e escrita e o desenvolvimento de outras formas de expressão, por meio das quais poderíamos contribuir, inclusive, para a saúde mental dos alunos”, diz a coordenadora pedagógica do ciclo, Cátia Alves.

Nesse sentido, diz Cátia, a Oficina de Linguagens Artísticas da professora Ana Flávia veio oferecer aos alunos a oportunidade de exprimir – ou de descobrir – aspectos de sua personalidade que eles talvez nem soubessem pôr em palavras. “Algumas dessas aulas são também acompanhadas por nossa psicóloga, que tem observado a produção dos alunos para identificar se alguém precisa de uma orientação”, diz a coordenadora, que nota como a alta demanda pelo curso levou o Colégio a abrir até mais horários do que os inicialmente previstos.

Além desta, outra opção para as turmas do 6º e 7º anos do Fundamental foi a Oficina de Linguagem e Jogos, ministrada pelo professor de Língua Portuguesa Natanael Fernandes. Após uma fase inicial na qual os alunos se rodizariam disputando jogos clássicos de tabuleiro (como War, Banco Imobiliário, Ludo, Damas, etc.), eles tiveram de criar seus próprios jogos originais, incluindo a fabricação das peças usando os recursos da Fazedoria do Vital. “É um trabalho muito rico, porque vai desde o planejamento e definição das regras até a execução final”, diz Cátia.

Trata-se, de fato, de um processo que vai muito além da diversão, já que exige dos alunos criatividade;

OFERECIDAS DO 6º AO 9º ANO, AS OFICINAS TÊM REFLEXO TANTO NA CAPACIDADE DE ARGUMENTAÇÃO QUANTO EM OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÃO, CONTRIBUINDO PARA A SAÚDE MENTAL DOS ALUNOS.



pensamento lógico e matemático, para garantir, por exemplo, que as chances de vitória sejam possíveis e iguais para todos, ou que as partidas tenham bom andamento e duração; qualidade de produção escrita, para que o manual de regras seja claro; habilidades artesanais; além do trabalho em equipe – tarefa que, como nota Cátia, é dos mais importantes aprendizados para a faixa etária.

Já para as turmas do 8º e 9º anos, o Vital criou a Oficina de Algoritmos e Programação e o Núcleo de Cinema na Escola.

Ministrada pelo educador maker do Vital, Rafael Dias, a primeira é a única das oficinas que já existia de alguma forma. “Tivemos turmas de programação antes, e com o alto interesse dos alunos – e, ultimamente, também de alunas –, decidimos torná-las permanentes”, explica a coordenadora. “É quase um degrau para quem planeja vir a fazer a eletiva de Robótica do Ensino Médio”. Ao aprender os fundamentos por trás das linhas de comando que fazem robózinhas acenderem lâmpadas e carrinhos andarem sozinhos, diz Cátia, esses meninos e meninas também exercitam a criatividade e a colaboração, bem como o raciocínio lógico e a capacidade de solucionar problemas.

Já o segundo projeto nasceu de uma ideia do professor de Língua Portuguesa Mateus Lourenço, que passou a comandar um cineclube com os alunos, com sessões de filmes, rodas de debate e, ao final, produção de resenhas escritas. Para motivar as discussões, o professor mesclou referências do universo juvenil, como as animações *Homem-Aranha no Aranhaverso* e *Ponyo: Uma Amizade que Veio do Mar*, com títulos que visam ampliar o repertório do grupo, como o curta-metragem francês *O Balão Vermelho* ou o clássico *Sociedade dos Poetas Mortos*. “Essa geração vê muito conteúdo audiovisual por lazer, mas é quase sempre uma recepção passiva”, diz Mateus, que quer estimular a percepção dos alunos para elementos temáticos e técnicos que ajudam a compor o significado de uma obra e os sentimentos suscitados no espectador. E ele já tem visto sinais positivos.

“No debate sobre *O Balão Vermelho*, por exemplo, um aluno comentou que as cores dos balões na cena final remetiam à bandeira da França. Outro comparou com o filme *Up – Altas Aventuras*, inspirando uma conversa sobre balões como símbolos de sonhos e aspirações”, conta o professor.

Para Cátia Alves, o projeto é um exercício tanto de diálogo – de saber expressar e ouvir diferentes pontos de vista – quanto de construção de argumentação em bases sólidas, para além de meras impressões, o que se reflete na qualidade da produção de texto dos alunos.

Reflexos em sala de aula

É o mesmo objetivo do Projeto Ágora, oficina exclusiva para alunos do 9º ano, que explora técnicas de argumentação. Nas palavras da jovem Alice Martins, que, assumidamente, “adora debater”, a experiência “vai me ajudar a desenvolver argumentos para ser bem compreendida”. “Acho que vai ser importante tanto para minhas redações quanto para a vida”, diz a jovem, que conta como a professora de Língua Portuguesa Ana Lúcia Novroth usou as primeiras aulas para falar sobre ágora ateniense – a praça onde se davam os grandes debates públicos na capital da Grécia Antiga –, Sócrates e os sofistas, filósofos mestres da retórica.

“É um trabalho sistemático para desenvolver habilidades de falar em público, de discordar dialogando e respeitando a opinião do outro”, diz Cátia.

Segundo a coordenadora, o resultado das oficinas se revela também nas aulas regulares, nas quais os alunos têm se mostrado mais articulados e com maior capacidade de planejamento e foco, o que anima a equipe a já pensar em novos temas futuros. “Uma das ideias é uma oficina de fantoches, que seriam fabricados pelos próprios alunos na Fazedoria e usados por eles para contar histórias para as turmas da Educação Infantil”, revela Cátia. “São experiências que comprovam que a preocupação do Vital com um ensino forte não exclui o cuidado com a formação socioemocional dos alunos. Pelo contrário, as duas coisas andam juntas”.

Do Vital Brazil para o mundo

Seis ex-alunos mostram como uma base acadêmica forte abre portas para se estudar ou trabalhar no exterior.

Fazer intercâmbio fora do Brasil, durante o Ensino Médio, vale a pena? Como quase tudo na vida, a resposta a essa pergunta jamais pode ser um sim ou não absolutos, dependendo, na verdade, dos objetivos e planos que cada jovem trace para seu projeto de futuro. Segundo o coordenador do Ensino Médio do Colégio Vital Brazil, porém, antes de tomar qualquer decisão, seria recomendável que alunos e suas famílias ao menos avaliassem outras possibilidades de vivência no exterior que não implicassem, necessariamente, deixar o Vital por um ano durante fase tão importante dos estudos.

“A experiência de morar em outro país é, sem dúvida, riquíssima, mas avaliem o que vocês têm a ganhar com isso”, sugere André Rebelo. “Temos um

Ensino Médio de grande qualidade acadêmica, a que uma *high school* americana talvez não corresponda. O que isso traz para seu projeto de vida?”

Coordenadora do Departamento de Inglês, Maíra Malosso concorda: “Um ano de *high school* vai exercitar a oralidade, mas aqui no Vital nós trabalhamos o Inglês como uma ferramenta de desenvolvimento pessoal, o que inclui preparar o aluno para usar o idioma em contextos acadêmicos e profissionais variados, nas quatro habilidades”, diz Maíra. “E se, em vez de um ano, as famílias investissem em cursos de férias? Existem opções muito boas nesse sentido”.

“Pesem suas prioridades”, resume André, lembrando que uma formação sólida no Ensino Médio pode garantir uma vaga nos melhores cursos no Brasil – o que, um pouco mais à frente, pode levar os alunos a experiências tão ou mais ricas em outras instituições de enorme prestígio, fora do País. É o caso dos seis ex-alunos retratados nestas próximas páginas, para quem o ensino do Vital Brazil contribuiu decisivamente para abrir as portas do mundo – e dos sonhos de cada um.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA FRANÇA

Nome: Ricardo Chiquetto do Lago

Jornada Vital: foi aluno de 2017 a 2019

Experiência no exterior: iniciando dois anos de graduação em Gif-sur-Yvette (França)

Amadurecer, ampliar a visão de mundo, conhecer novas tecnologias e trazê-las para o Brasil. Esses são os objetivos que esse medalhista pôs na bagagem para a França, onde iniciou, neste segundo semestre de 2023, um período de dois anos de graduação em Inteligência Artificial na École CentraleSupélec, em Gif-sur-Yvette. Medalhista, sim: são cerca de 20 medalhas em olimpíadas acadêmicas no currículo de Ricardo, a maioria como aluno do Vital Brazil, onde cursou o Ensino Médio e de onde saiu para estudar na Escola Politécnica da USP, em 2020.

Foi no Vital, em uma Feira de Profissões, que Ricardo se decidiu pelo curso de Engenharia Elétrica da Poli. “Cheguei a pensar em Matemática e Mecatrônica, mas bati o martelo ao ver os robôs que alunos da Poli apresentaram na feira”.

E para a Poli ele foi – e retornará. No meio de 2025, Ricardo voltará ao Brasil para concluir o curso de Engenharia na USP, ficando, assim, com dois diplomas. “Eu amo o Brasil e me sinto em dívida por ter estudado em escola pública”, diz Ricardo, que cursou a Escola de Aplicação da USP antes dos seus anos no Vital, onde foi aluno 100% bolsista, o que o liberou para se dedicar de cabeça aos estudos.



A FERA DE WALL STREET

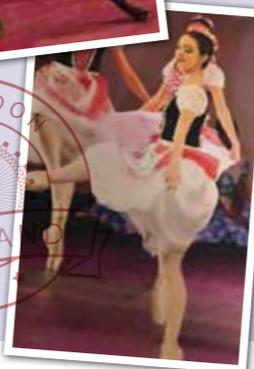
Nome: Sherida Figueiredo

Jornada Vital: foi aluna de 2013 a 2015

Experiência no exterior: treinamento pelo banco JP Morgan em Londres e Nova York

De que o Vital Brazil tem um ritmo acima da média, ninguém discorda. E é justamente a essa cultura de alta *performance* que Sherida Figueiredo é grata. Há dois anos no banco de investimentos norte-americano JP Morgan, a ex-aluna entrou como estagiária, passou a analista e já parte para seu segundo treinamento no exterior. “O Colégio foi fundamental para a minha entrada na faculdade e no mercado de trabalho. A dinâmica de estudos, por mais que fosse exaustiva na época, hoje me permite realizar diversas tarefas sem perder o pique”, diz. “Isso permitiu que eu trabalhasse no exterior e mantivesse relacionamentos globais com horários diversos”.

Após o Vital, onde fez o Ensino Médio, Sherida entrou em Engenharia de Minas na Escola Politécnica da USP, em 2017. O JP Morgan aconteceu no final da faculdade, e ela logo embarcou para Londres, para um curso de duas semanas com os cabeças de cada setor do banco, dedicados a capacitar um seletivo time de analistas juniores da empresa. “Foi uma oportunidade única”, diz Sherida, que em novembro seguirá para Nova York, onde vai passar o dobro do tempo: um mês. “Desta vez, será no escritório principal do banco e na presença de todos os chefes globais da minha área. Tenho altas expectativas”.



EM PALCOS LONDRINOS

Nome: Júlia Panizza Batista

Jornada Vital: foi aluna de 2016 a 2020

Experiência no exterior: um semestre na The Place – Contemporary Dance School, em Londres

Ao entrar na Faculdade de Dança da Unicamp, Júlia pensava em permanecer em Campinas até se formar, em 2024. No meio do caminho, porém, tinha o Vital – ou o legado do Vital Brazil. “O Vital me preparou não apenas para passar no vestibular, mas também para saber escrever, me organizar e entregar tudo no prazo. Isso fez com que eu conseguisse manter as minhas notas altas e ser selecionada para o intercâmbio em Londres”, diz a estudante, que está cursando um semestre em The Place – Contemporary Dance School, por meio do convênio que a universidade inglesa mantém com a Unicamp.

Todos os anos, é lançado um edital com duas vagas para que os alunos com as melhores notas possam estudar na capital inglesa. Júlia, que fica de agosto a dezembro em Londres, conquistou uma delas. “Por conta do meu desempenho, consegui essa vaga”, afirma Júlia, que também credits especificamente o Inglês do Vital à oportunidade conquistada. “O Inglês do Colégio é forte e me ajudou. Eu me desenvolvi nas quatro habilidades da língua: *speaking, writing, listening e reading* e tirei dois certificados de proficiência, o que preenche um dos pré-requisitos para o intercâmbio”. Definitivamente, ela não terá problemas para se expressar – seja com o idioma, seja com seu corpo, nos palcos da universidade inglesa.

PARIS, JE T'AIME

Nome: Victor Siqueira Chaim

Jornada Vital: foi aluno de 2012 a 2014

Experiência no exterior: graduação em Paris de 2018 a 2021

“Por que Paris?” é uma pergunta que soa boba, de tão óbvia. A capital da França, afinal, é a chamada Cidade Luz, charmosa, com bons museus, excelência gastronômica e localização que permite conhecer diversos países. Mas esse engenheiro sabe dar uma resposta à altura. “Paris possuía um curso que me atraía, com matérias que eu não tinha na USP, como Engenharia Mecânica com Ênfase em Simulação Numérica”, diz Victor Chaim. “O intercâmbio foi bom para o meu currículo e me proporcionou momentos pessoais incríveis: viagens, trocas culturais e autoaprendizado”.

De fato, esse ex-aluno do Vital, formado na Escola Politécnica da USP, deu-se tão bem em Paris que os anos na École Nationale Supérieure d'Arts et Métiers, além de um segundo diploma, renderam-lhe acesso ao mercado francês. Em 2020, Victor estagiou na fabricante de máquinas Fives, e em abril deste ano voltou à cidade para trabalhar como consultor na Wavestone, de onde já migrou, em julho, para a Kley France, como engenheiro de projeto de parques eólicos *offshore*. “Foi o Vital que fez crescer minha sede por aprender e a vontade de conhecer, que me faz viajar”, diz. “Os professores, o material didático e os cursos extracurriculares não me prepararam só para o vestibular, mas para a vida como um todo”.



BIOLOGIA EM SUA NATUREZA

Nome: Raquel Pizzardo

Jornada Vital:

foi aluna de 2012 a 2015

Experiência no exterior:

doutorado em Biologia na Universidade de Michigan (EUA)



O Vital Brazil veio à memória dessa bióloga de 25 anos depois de uma visita ao necrotério. Explicamos: Raquel queria ser médica. Medicina, porém, não é das faculdades mais fáceis, e, depois do Colégio, ela fazia um ano de cursinho, quando uma amiga que estudava Medicina a convidou para conhecer um necrotério, e Raquel teve um choque. “Foi ali que eu desisti. Lembrei-me de um professor do Vital que me dizia para fazer Biologia, e não Medicina. Como sempre gostei de Biologia, fui nela”, diz ela, que se formou em Ciências Biológicas na USP.

Outras mudanças de rota viriam pelo caminho de Raquel. O encanto pela Botânica a desviaria da ideia inicial de fazer Biologia Marinha, e uma experiência de pesquisa no Jardim Botânico de Londres somada ao “sucateamento” da educação no Brasil, como diz, levaram-na a buscar a pós-graduação fora do País. Foi assim que aconteceu a Universidade de Michigan. “Vivi em Londres os dois melhores meses da minha vida. Ao voltar, decidi que minha pós seria mesmo no exterior”, afirma. “Em 2020, comecei a procurar professores com quem queria estudar. Um conselho que eu recebi, e acho ótimo, é que a pós a gente deve escolher pelo orientador, não pela instituição, porque é um momento de especialização”.

Raquel já cursou dois anos do doutorado na Universidade de Michigan, onde entrou direto da graduação, sem mestrado. Em mais três anos, terá concluído. O destino da bióloga, a partir daí, só o futuro dirá.

EM PORTUGAL, VIA ENEM

Nome: Bianca Machado de Zoppa

Jornada Vital: foi aluna de 2013 a 2020

Experiência no exterior:

Relações Internacionais na Universidade de Coimbra desde 2021

Nada melhor, para quem cursa Relações Internacionais, do que ter vivência no exterior. Se essa vivência acontecer já na graduação, proporcionada pela nota do nosso Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), melhor ainda. “A Universidade de Coimbra sempre foi um lugar que me encantou, mas parecia um sonho distante, até eu saber que poderia entrar com a nota do Enem”, diz Bianca Machado de Zoppa, que se formou no Vital Brazil no fim de 2020 e, em setembro do ano seguinte, já estudava em Portugal.

Segundo Bianca, o processo de inscrição em Coimbra foi simples, feito por ela mesma, com a ajuda dos pais. O Vital, diz, a preparou para o bom desempenho no Enem, o que tornou tudo mais fácil. “O Colégio é muito forte e exigente na questão acadêmica, com foco aprofundado em vários assuntos”, diz a estudante, que se forma em junho de 2024, mas não tem prazo para voltar ao Brasil. “Acredito que tenho muito mais oportunidades na Europa”.



Os benefícios do esporte

Longe de querer formar atletas, a Educação Física no Vital é um meio de promover a saúde física e mental dos alunos.

Se você perguntar para professores de Educação Física do Vital qual o principal objetivo da sua disciplina, a essência das respostas será a mesma, independentemente da idade dos alunos. Carla Lima, da Educação Infantil, dirá que é “contribuir para o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, intelectual, social e emocional”. Fausto Camargo, professor dos anos iniciais do Fundamental, citará tanto as habilidades motoras quanto as competências socioemocionais dos alunos – como trabalhar em equipe, saber ganhar e perder –, além dos efeitos cognitivos gerados pelo estímulo ao raciocínio lógico, no desenvolvimento de estratégias de jogo. Já Flávia Roquette, dos anos finais do Fundamental, dirá que é “proporcionar o maior número possível de experiências motoras” para atender, assim, ao interesse do maior número de alunos, que sentem o impacto dessas experiências sobre seu corpo, seus relacionamentos e sua própria personalidade.

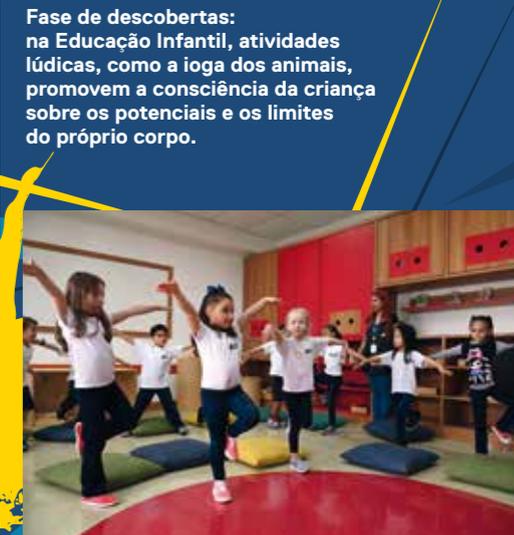
Todos os demais dirão, no fundo, a mesma coisa. E nenhum dirá que quer formar grandes atletas. No Vital, *performance* é uma preocupação menor diante do objetivo mais fundamental de promover aprendizados que serão valiosos, na maior parte do tempo, fora das quadras.

A distinção ajuda a entender por que as aulas de Educação Física do Vital têm um lugar especial no coração dos meninos e meninas da escola, mesmo daqueles de perfil menos atlético e competitivo, e reflete os vários benefícios que o esporte promove sobre a saúde física e mental de cada indivíduo.

Recuperando os movimentos

Naturalmente, cada professor adapta essa visão da disciplina para as demandas e os potenciais da faixa etária de seus alunos, respeitando o desenvolvimento de cada um.

No caso da Educação Infantil, por exemplo, descoberta é a palavra-chave. “Nessa idade, eles ainda precisam descobrir e conhecer melhor o próprio corpo e tudo o que conseguem fazer, como saltar, chutar, lançar, rolar e rastejar no chão ou se pendurar”, diz a professora Carla Lima. Segundo ela, por diversos fatores de ordem social e familiar – vida em apartamento, maior número de filhos únicos, insegurança ou o apelo constante de celulares e TVs –, as crianças hoje têm experimentado uma variedade menor de movimentos do que as de gerações anteriores, algo que a escola pode ajudar a recuperar. “Mas tem de ser de forma lúdica, inclusive para competir com o atrativo das telas, com



Fase de descobertas: na Educação Infantil, atividades lúdicas, como a ioga dos animais, promovem a consciência da criança sobre os potenciais e os limites do próprio corpo.

propostas e recursos diversificados, como bola, corda, bambolê, etc.”

São propostas divertidas mas que vêm acompanhadas de reflexão, nota a coordenadora pedagógica Camila Petrolina. “Eles precisam perceber como é gostoso brincar – e brincar junto com amigos. Por isso temos de sempre trazer para a consciência da criança o que aquelas brincadeiras causam no seu corpo e no seu estado de espírito”, diz Camila.

É o que Carla Lima faz ao chamar a atenção dos alunos para o que eles estão sentindo durante ou depois das brincadeiras. “Se alguma proposta envolve corrida, eu peço que botem a mão no coração para perceberem como está acelerado. Depois, fazemos exercícios de respiração ou de ioga, e eles sentem que fica mais lento”, diz a professora. “Ou, quando faço alongamento, eles notam como o corpo dói um pouco no começo, mas depois se acostuma e dá uma sensação boa”.

Para além das sensações e emoções suscitadas, Carla identifica benefícios sociais e cognitivos da Educação Física. Segundo ela, sobretudo a partir do Pré II, brincadeiras coletivas como pega-pega corrente ou batata quente, entre outras, ensinam às crianças o espírito de equipe, o autocontrole para esperar a sua vez e a importante habilidade de saber ganhar e perder. Já o aspecto cognitivo se mostra sempre que uma brincadeira demanda a aplicação de conhecimentos como, por exemplo, lateralidade, contagem numérica ou somatória. “Costumo brincar com eles dizendo: ‘Alguém faz o placar eletrônico aí, que a prô já esqueceu quanto está o jogo!’”, diz Carla.

Amadurecimento motor e cognitivo

Voltando à parte motora, a partir do 2º ano do

Fundamental, as crianças do Vital já são provocadas a executar movimentos mais sofisticados do que aqueles aprendidos na Educação Infantil, em propostas que o professor Fausto Camargo chama de “atividades pré-desportivas”. “Ainda não são esportes propriamente ditos; propomos jogos que trabalham aquelas habilidades básicas de antes, mas agora combinadas, assim como nos esportes. Correr, saltar e lançar uma bola coordenadamente, por exemplo, é algo que vai ser feito no handebol”, explica o professor. “A própria queimada é uma brincadeira que exige o lançamento de precisão, semelhante ao arremesso a gol do handebol”.

E, da mesma forma que os pequenos aprendiam a cooperar nas brincadeiras da professora Carla, esse aprendizado também avança nos anos iniciais do Fundamental, no desenvolvimento de estratégias de equipe mais elaboradas. “É gradual: se, no 2º ano, num jogo de queimada, os alunos pegam a bola e atiram no primeiro que aparece, nas turmas mais velhas nós já vemos mais passes trocados entre a equipe e uma melhor escolha de alvos”. É reflexo de um amadurecimento lógico e cognitivo, que, segundo o professor, traz em si uma importante lição de vida: “Nem sempre a equipe com os jogadores mais habilidosos vence, porque falta entrosamento ao grupo”, diz Fausto.

Mais adiante, sob o comando do professor Almir de Oliveira, do 5º ano, é quando esportes clássicos como futsal, basquete, vôlei ou ginástica começam a surgir nas aulas de Educação Física do Vital. Mas ainda numa abordagem de iniciação, para os alunos aprenderem as regras e fundamentos de cada um. “A ideia não é treiná-

-los para melhorar o desempenho, o que envolveria muita repetição dos mesmos movimentos”, diz o professor. “Apresentamos esses esportes adaptados à realidade e à capacidade dos alunos, para que eles vivenciem e, se gostarem de algum e quiserem ir mais a fundo, pratiquem fora da escola”. Por esse objetivo de ampliar as experiências e atender aos interesses de mais alunos, diz Almir, os professores podem até mudar as regras de um esporte, “para que os mais habilidosos não dominem e sejam os únicos a aproveitar a aula”.

Competição e fair play

É um pensamento semelhante ao de Flávia Roquette e Fábio Oliani, à frente de turmas nos anos finais do Fundamental e no Ensino Médio. “Temos uma heterogeneidade nas turmas, então tentamos contemplar as diversas aptidões possíveis. Se alguém não for ‘bom de bola’, por exemplo, pode se encontrar no atletismo”, diz Fábio. “Por isso não ficamos só nos esportes mais conhecidos; também fazemos arco e flecha, badminton, frescobol, muitos outros”.

De acordo com o professor, para ampliar o leque de propostas, a equipe não dedica mais do que três ou quatro aulas a cada modalidade. O que pode não ser muito para quem quer se aperfeiçoar, mas, no conjunto, traz muitos benefícios para a formação integral do aluno.

“O esporte trabalha bastante a motivação, a disciplina e a concentração do aluno”, diz Flávia Roquette, para quem a Educação Física exerce, ainda, influência positiva sobre as relações sociais dos adolescentes. “Aos 11, 12 anos, essa coisa de competir, ganhar e perder ainda não é tão

tranquila. Por isso promovemos jogos cooperativos, que são um mote para falarmos também de *bullying* e respeito ao outro”.

Mesmo jogos competitivos, nesse sentido, têm sua função pedagógica, o que explica por que o calendário anual do Vital é repleto de eventos nos quais existe uma competição acirrada – mas sempre com o espírito de *fair play* que faz desses torneios verdadeiras festas. São exemplos a Copa Vital, torneio de handebol feminino e futsal masculino que envolve alunos do 6º ao 9º ano; o Campeonato Interclasses, com as mesmas modalidades, mas exclusivo para os alunos do Médio; os Jogos Estudantis, nos quais todos os alunos da escola, desde a Educação Infantil, dividem-se em quatro equipes para disputar diversos esportes, do tênis de mesa ao xadrez; e, mais recentemente, a grande novidade deste ano, o Movimento é Vital.

Parte do Projeto Vida, que engloba uma série de ações de promoção do bem-estar físico e emocional da comunidade escolar, o Movimento é Vital tem acontecido em alguns sábados do ano, quando se realizam jogos amistosos e brincadeiras com os alunos, que podem, inclusive, convidar amigos de fora do Colégio para participar. “Nossa ideia foi oferecer um dia a mais na escola para as atividades físicas e tudo que elas trazem de bom para o corpo e a alma”, diz o professor Fausto. “É uma oportunidade para o aluno reforçar seu pertencimento à escola, de exercitar a socialização, de melhorar o condicionamento físico e de, simplesmente, sentir-se bem”. Que é um dos efeitos mais imediatos – e mais poderosos – que o esporte pode proporcionar.



Nos anos iniciais, os professores trabalham atividades pré-desportivas que demandam a combinação de habilidades básicas - como correr, saltar ou arremessar - que, mais à frente, serão usadas nos esportes propriamente ditos.



Ao longo dos anos, os professores buscam promover outras modalidades além dos esportes clássicos, para diversificar as aulas e atender ao perfil do maior número de alunos.



Embora o foco não seja a formação de atletas de alta performance, jogos competitivos ganham força no Ensino Médio e têm importante função pedagógica.

Inglês em casa

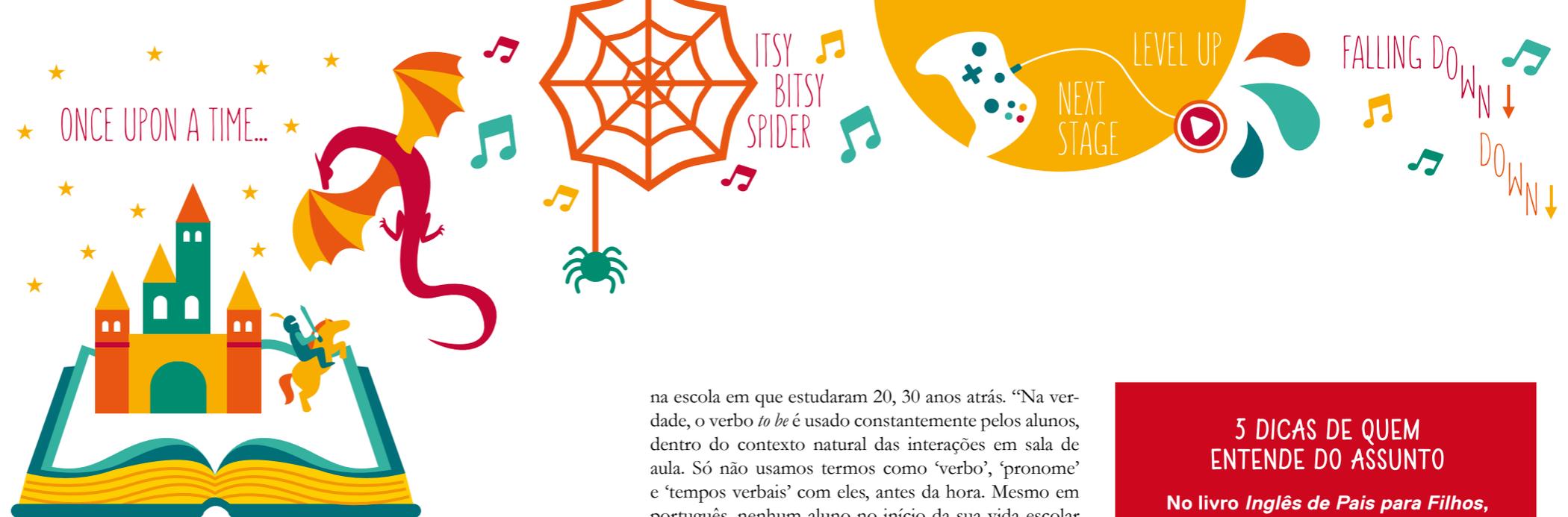
Pais e mães não precisam se preocupar em ensinar Inglês aos filhos, mas há muito o que eles podem fazer para ajudar.

Não é algo que acontece com todos, mas, se você é pai ou mãe de aluno e já quis ajudar seu filho a estudar para uma prova ou lição de Inglês, é possível que tenha vivido esta situação. Mesmo com a melhor das intenções, você constata que o ensino do idioma mudou – e muito – desde a última vez que você frequentou a escola. Os métodos já não são os mesmos, a ordem do que se deve aprender parece pular aprendizados que, na sua época, eram considerados elementares. E aí o jogo se inverte: em vez do filho, quem precisa de um *help*, muitas vezes, são os pais.

De acordo com a equipe do Departamento de Inglês do Vital Brazil, porém, a boa notícia é que, sim, as famílias ainda podem auxiliar os alunos com o aprendizado do Inglês de diversas maneiras. Sobretudo, estimulando o uso da língua de uma forma prazerosa e que faça sentido para uma criança ou adolescente. Sem pressão ou cobrança demasiadas, e sem a preocupação de ensinar, que, afinal, ainda é função da escola.

Como explica a coordenadora Máira Malosso, pais costumam ter grandes expectativas com relação ao aprendizado de Inglês dos filhos. É compreensível: dominar o idioma é requisito, por exemplo, para quem planeja, no futuro, estudar no exterior, além de ser um diferencial importante quando se chega ao mercado de trabalho. A questão, diz a coordenadora, é que esse argumento acadêmico e profissional faz sentido para os pais, mas não para uma criança que apenas começou a aprender uma nova língua. “É preciso, antes de qualquer coisa, estabelecer uma relação positiva com o idioma, e não reforçar experiências negativas que alguns pais possam ter vivido no seu tempo de escola”, alerta Máira.

Professora de turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, Maria Luciana Gomes reforça as pala-



avras da coordenadora – e até já publicou um livro com essa mesma mensagem. É dela um dos capítulos do recém-lançado *Inglês para Pais e Filhos*, livro cujos autores lançam mão de sua experiência em sala de aula para oferecer um roteiro de como o idioma pode ser explorado em casa pelas famílias e, dessa forma, contribuir para o aprendizado dos filhos (*ver quadro*).

Como primeira dica, Luciana recomenda que os pais tenham em mente que o aprendizado do Inglês deve acompanhar os interesses naturais da idade, assim como acontece com o Português. “Se aos 4 anos a criança gosta de músicas, rimas e parlendas, é disso que ela vai gostar também com relação ao Inglês. No geral, as mesmas estratégias para o ensino da língua nativa dão certo para o ensino de uma língua-alvo”, explica a professora. “Sabe a música da Dona Aranha? Ela existe em Inglês, *Itsy Bitsy Spider*. Tem no YouTube, assim como várias outras músicas infantis, como *Twinkle, Twinkle, Little Star* ou *London Bridge is Falling Down*. Por que não assistir a esses vídeos em casa e cantar junto com os filhos?”

Segundo Luciana, esse tipo de canção, com letras fáceis e repetitivas, ajudam na memorização de palavras e pronúncias e facilitam a compreensão do idioma, quando acompanhadas de coreografias como, por exemplo, a simulação de uma queda no verso “*falling down, falling down, falling down*”.

“Perceba que o interesse dos pequenos, nessa fase, passa longe de querer conjugar verbos”, nota Máira Malosso, referindo-se a um dos questionamentos que mais costuma ouvir de pais que não entendem “por que o filho ainda não aprendeu a usar o verbo *to be*”. De novo, diz a coordenadora, é preciso que os pais tenham como referência o universo dos filhos, e não o que eles lembram de suas primeiras lições de Inglês

na escola em que estudaram 20, 30 anos atrás. “Na verdade, o verbo *to be* é usado constantemente pelos alunos, dentro do contexto natural das interações em sala de aula. Só não usamos termos como ‘verbo’, ‘pronomes’ e ‘tempos verbais’ com eles, antes da hora. Mesmo em português, nenhum aluno no início da sua vida escolar está estudando conjugação de verbos”, diz Máira.

Ainda no mesmo sentido, Luciana se lembra de outra boa dica para os pais: se a criança gosta de desenhos animados, que tal sugerir a ela que os veja no idioma original? “A criança costuma ver o mesmo desenho repetidamente, o que facilita até na compreensão dos diálogos em Inglês”, diz ela. “O importante é sempre oferecer uma atividade que se adeque ao universo da criança, à sua faixa etária. *Videogames*, por exemplo, com instruções e diálogos em inglês, podem proporcionar um desafio divertido a jogadores mais velhos”.

Já para os pais que são mais fluentes na língua, a leitura com o filho pode oferecer momentos de interação ricos e estimulantes. São muitas as opções, dos romances aos quadrinhos, nota a professora, lembrando que, nesse último caso, existe uma versão em inglês até dos gibis da Turma da Mônica (ou *Monica’s Gang*), bastante popular entre as crianças.

E para as famílias que não são tão fluentes assim? Segundo a coordenadora assistente Carolina Honda, eis aí uma oportunidade dos pais aprenderem junto com os filhos. Ela aproveita para lembrar que os pais não precisam temer expor suas dúvidas, como a pronúncia ou o significado de uma palavra. “Isso pode ser até uma chance de mostrar para a criança como usar ferramentas como dicionários *online* ou o Google Translator, que dá a pronúncia certa das palavras. Mas os dicionários são melhores”, diz Carolina. E, claro, os filhos sempre podem e devem levar suas dúvidas aos professores.

“O Inglês em casa não deve ser encarado como aula, mas como um momento prazeroso em família. Vale a vivência e a variedade: uma leitura, um *site*, um programa, um *game*. É isso que trará novas ferramentas às crianças”, diz Maria Luciana Gomes, que poderia resumir suas recomendações aos pais com duas palavrinhas simples, mas potentes, da língua inglesa: *enjoy it!*

5 DICAS DE QUEM ENTENDE DO ASSUNTO

No livro *Inglês de Pais para Filhos*, a professora do Vital Maria Luciana Gomes lista o que chama de “regras de ouro” que os pais devem seguir para ajudar os filhos a aprenderem o idioma.

• Não pressione o seu filho

Estudos mostram que o ambiente ideal de aprendizagem precisa instigar o indivíduo, despertando a sua curiosidade, mas jamais gerar tensão, ansiedade ou medo.

• Respeite os interesses dele

As crianças fazem atividades que têm a ver com sua faixa etária. Uma criança de 2 anos brinca, canta, corre. Dificilmente vai prestar a atenção em um filme inteiro em inglês.

• Aprendam juntos

Se você não fala Inglês, eis uma oportunidade para aprender com o filho. Se é fluente, compartilhe o seu conhecimento de forma colaborativa, sem adotar um tom professoral.

• Cuidado com a sobrecarga

Muitas crianças têm uma vida ocupada por diversas atividades. Por isso, é cada vez mais difícil para elas lidar com momentos de tédio. E um cérebro inquieto tem dificuldade para aprender.

• Considere as emoções

Nem toda criança é louca por idiomas – o que não quer dizer que não aprenda. Se momentos de interação em Inglês com seu filho forem prazerosos, isso deixará uma marca positiva.



35 anos da Constituição Cidadã: o começo ou o fim?

Por **Alice Noronha Renner**, 3ª série C do Ensino Médio.

A democracia sempre foi um tópico volátil no Brasil, país marcado pelas cicatrizes da colonização e de períodos ditatoriais, sem longa tradição de constituições igualitárias. Entretanto, dia 5 de outubro, a Constituição Federal de 1988, símbolo do nosso maior período democrático, completou 35 anos. Estaríamos fechando o velho capítulo do autoritarismo? Ou seriam as ameaças à democracia maiores do que acreditamos? A resposta para essas perguntas talvez comece com uma visão atenta da origem da atual Constituição.

Ao contrário de outros países, que têm constituições antigas, a instabilidade política que percorre a história brasileira nos levou a ter sete constituições ao longo dos anos, sendo aquelas que garantem a liberdade democrática sempre seguidas de períodos de centralização do poder. O caso mais recente desses períodos é o anterior a 1988: a ditadura militar, com a Constituição de 1967, marcada pela restrição de direitos civis, especialmente através dos Atos Institucionais – entre eles, o AI-5, que suspendeu o direito ao *habeas corpus*.

Somente em 1988 seria elaborada a nova Carta Magna, com a participação de diferentes setores da sociedade, priorizando, como declarado em seu preâmbulo, a liberdade e os direitos sociais e individuais, o que lhe garantiu o apelido de “Constituição Cidadã”. Segundo o historiador Marcos Napolitano, no livro *1964: História do Regime Militar Brasileiro*, a abertura po-

lítica “esteve sujeita às pressões da sociedade, sobretudo dos movimentos sociais que repolitizaram as ruas, forçando os limites iniciais da transição conduzida pelo alto”. Assim, a atual Carta foi resultado de diversos movimentos de pressão social por direitos e contra a ditadura – como o dos povos indígenas, que participaram do processo constituinte após serem vítimas da violência estatal durante a “integração do território nacional”, com aldeias inteiras sendo perseguidas e diversas etnias desaparecendo completamente.

Contudo, a Constituição Federal ainda enfrenta desafios quanto à abrangência de direitos: por ter sido elaborada em 1988, ela não engloba a comunidade LGBTQIA+, e possui trechos ambíguos, como aqueles a respeito das terras indígenas, levando a discussões como a do marco temporal. Por outro lado, a atual democracia é também ameaçada por narrativas de nostalgia da ditadura militar. Segundo a historiadora Lília Schwarcz, “é uma memória do que não foi, do que não aconteceu”, e, para combatê-la, “temos de fazer uma contramemória: produzir ao lado daqueles documentos outros monumentos, outras legendas explicativas”.

Portanto, a Constituição Cidadã foi inegavelmente um grande passo para a democracia brasileira. Não obstante, sob as ameaças às quais está submetida, ainda é imprescindível a pressão de todos pela defesa da liberdade e dos direitos políticos, assim como foi em 1988. Sem essa luta constante, o que será da nossa democracia após outros 35 anos?

